



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 20 de Agosto de 2005 • Ano LXII • N.º 1603 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax. 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

Obra que tem o coração por mestre

O nosso Lar de estudantes, em Coimbra, é agora habitado por um enorme silêncio. Partilhando-o, momentaneamente, com este «habitante» misterioso, a memória voa mais facilmente encontrando pessoas e meios a quem, e a que se deve, a sua existência e continuidade. O Padre Horácio surge, logo que se desce aos seus alicerces. Com ele, os seus Rapazes de então. «Era 1970». Rapazes que foram os serventes de pedreiro e serviços de outros «mil ofícios» que uma construção desta envergadura exigia. Tempos interessantes, de estudos e trabalho manual conjugados pela apetência de fazer uma coisa deles, para eles e por eles... É por essa razão que já tem acontecido perguntar, em maré de algumas obras de adaptação: «Ó fulano que te parece se aqui, agora, dividisse com uma parede?...» Como quem conhece o que a si lhe pertence ouço: «Não faça assim... Olhe que

vista tão linda... Os meus filhos nunca tiveram uma varanda assim...» Este sentido de pertença faz parte integrante da vida. Depois, saio porta fora, «encontro» o Presidente da Câmara Municipal dessa altura: «Ande, Padre Horácio, faça!» Não estava a ser fácil ultrapassar barreiras e áreas... E os custos? Maria do Céu Jeitoeira, Maria Tenório e outras não paravam. Ficou célebre a campanha dos ovos para a construção do Lar... Houve até quem partilhasse mensalmente, numa discreção absolutamente evangélica, do seu próprio ordenado. Obras monumentais estas! Do tamanho do coração das pessoas. Autênticas fugas ao que há de mais certo e calculado. As obras que têm assim o coração por mestre são obras de divina fecundidade. Nada de orçamentos aprovados, nem suplementares ou rectificativos. Uma loucura autêntica que dava sempre certo. Eram

vontades conjugadas num único objectivo: o bem comum, longe dos interesses mesquinhos que tantas vezes caracterizam certas obras dos homens. Os acabamentos foram modestos, denunciadores de puro «franciscanismo» que tanto caracterizava Padre Horácio: «Tenho muito medo da fatura...» Bens essenciais que são esses os verdadeiros, estruturantes de uma personalidade humana rica e aberta aos outros.

Volto de novo cá dentro e percebo melhor porque é que muitos Rapazes que por aqui passaram são hoje professores, contabilistas, engenheiros ou modestos e honrados profissionais de artes e ofícios: quem encontro eu agora? Maria da Luz, a mãe de todas as horas por mais de cinquenta anos. Mulher de mão aberta para arrecadar — não viesse a faltar para amanhã — e de coração generoso para repartir com peso e medida, pois que assim se educa. O nosso Lar conservará sempre a saudade dela.

E toca o telefone! É o empreiteiro a dizer do preço das janelas novas que vão ser substituídas, do custo do rebaixamento dos tectos; de quanto é preciso para dotar a sala de informática com computadores e internet: treze mil euros mais IVA, que os tempos são outros!

Padre João

Calvário

O nome

MUITOS visitantes ficam intrigados com o nome posto a esta Casa. E tanto mais, porquanto aquilo que se lhes apresenta respira verdura, harmonia e paz.

Na verdade, o nome desta Casa aponta para pessoas com mazelas físicas e morais, tantas delas deformadas e sem alento. E são aqui recebidas por isso mesmo. Elas pouco ou nada esperavam no meio onde viviam.

Ora estes doentes são acolhidos neste pequeno recanto, onde tudo está preparado para lhes restituir a vontade de viver mesmo como são.

Transformar o Calvário num local onde a paz é reinante, é apontar para o que os espera no Além. É isto que procuramos. Afinal a vida de todo o homem não é ela um Calvário?

Mas todas as vidas, por mais difíceis que sejam, podem ser levadas com coragem, se o meio em que se desenrolam for saudável e esperançoso. O nome desta Casa está, pois, bem posto, porque o tirou daquele outro Calvário, que foi não só lugar de sofrimento, mas também de redenção. Sobre tudo lugar onde o amor foi levado ao extremo e venceu a morte.

Padre Baptista

Praticando o Bem

A nossa biblioteca

A cultura dos rapazes sempre foi uma grande preocupação das Casas do Gaiato desde o seu início. Nunca um homem se fez, sem ser cultivado.

Não digo o cuidado com a escola que nos mereceu ininterruptamente o maior esforço e continua agora, como fonte de muitas dores, dada a incapacidade de educar de muitas delas; falo sim do esclarecimento das ideias, dos princípios, das hierarquias, dos valores, da plenitude da vida e do homem inteiro, com a sua transcendência.

O ambiente cultural em que somos obrigados a mergulhar apresenta-se como um pântano envenenado, progressivamente demolidor, das consciências.

Não basta à Casa do Gaiato ser uma família, ter ainda um ambiente natural de vistas rasgadas, de amplos espaços, com formação religiosa e compromisso social.

É urgente limpar a cabeça e o

coração dos rapazes e enchê-los de ideais fortes e atractivos.

Tarefa que, em Paço de Sousa, tem sido ajudada e dirigida por vários professores das universidades do Porto e outras pessoas de igual nível, orientando a nossa biblioteca e fazendo dela um centro atractivo de convívio e partilha dos melhores sonhos da juventude.

Sim, uma biblioteca não é uma sala nem um armazém de livros embora bem catalogados e acondicionados, mas um centro onde o melhor da cultura humana se torna acessível, atraente e comungante.

A cultura da bola, de norte a sul do País, abunda em toda a parte; a cultura do sexo é tal, que já enjoa e a do vazio avassala todas as idades, usando os meios mais poderosos de imagens, ilusões e nadas.

Um campo cultivado produz plantas, flores e frutos que são a alegria e a riqueza de toda a gente. Um campo abandonado, dispõe-se naturalmente ao crescimento das

silvas, do mato e de tudo que é daninho. O mesmo acontece ao coração do homem.

Antes do desenvolvimento dos grandes meios de comunicação e do Laicismo, o ambiente cultural em toda a Europa ajudava a juventude a crescer equilibradamente. Abundância de ideais de entrega e generosidades evidenciou-se pelo Continente Europeu.

Hoje não. A doença Laica tomou posse de tudo. Os corações e os cérebros do homem vivendo à-vontade ou ao sabor da corrente, enchem-se, quase só, do que é

mau, desembocando, por vezes, em múltiplas tragédias pessoais e colectivas.

Os fogos destes dias, reduzindo a cinzas o panorama verde da nossa beleza paisagística, fornecem-nos uma triste imagem, semelhante à que se passa no coração de tantos jovens e não só.

É urgente planear e pôr em prática acções contrárias.

Construir barreiras. Esclarecer, iluminar e dar força aos corações.

A nossa biblioteca também ajuda esta causa.

Com custo, perseverança e determinação de nunca pararmos nem ceder ao desânimo, venha o que vier, uma biblioteca para crianças, adolescentes, jovens e adultos está a funcionar em pleno, na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, ligada pela internet a todas as bibliotecas do País.

Nestes últimos três meses, os ra-

Continua na página 4

Benguela

Reunião de chefes

TERMINOU, há momentos, a nossa reunião de chefes. Há quem lhe chame, com alguma graça, a reunião da assembleia da república da Casa do Gaiato de Benguela. Fazemos a reunião semanalmente. Estão presentes os rapazes responsáveis pelas comunidades que vivem em cada uma das casas, com o chefe máioral à frente, mais a senhora da Casa e eu. Todas as pessoas são de dentro e vivem para dentro. Não há estranhos. Não há funcionários. Somos Casa de

família para os sem família. Por isso, os assuntos que dizem respeito a toda a comunidade são tratados neste espaço com a participação dos eleitos para assumir responsabilidades especiais. Estavam 13 presenças.

A reunião de chefes é uma hora muito rica. É, na verdade, uma aula, em que todos os participantes são professores, com o lugar próprio para cada um, numa escola que os ajuda a preparar-se para a sua vida de família, mais tarde. Não esqueço a confiança que, há tempos, me fez um dos nossos, agora com 50 anos feitos, ao dizer-me que os seus filhos cresceram também com a experiência recebida por ele, quando estava na Casa do Gaiato. Não temos outro objectivo além da sua preparação para a vida real com autonomia. Os assuntos são a vida dos membros da própria comunidade.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

LIGAÇÕES DE ÁGUA — Em tempo, pedimos à Câmara Municipal a hipótese de isentar as casas dos nossos Pobres em ligações domiciliárias de água. Com data de 21/7, recebemos um ofício do Vereador com competências delegadas, a boa notícia:

«Ligações domiciliárias de água a instituições de beneficência: Na sequência da V. exposição, cumpre-nos informar que desde que os pedidos sejam feitos em nome da Instituição de Beneficência que V. representam, poderão os mesmos ser isentos do pagamento de taxas».

Das vinte e tal moradias do Património dos Pobres, que Pai Américo construiu, em Paço de Sousa, serviram a tanta gente pelo País fora, No lançamento de casas para os Pobres (só aqui teremos mais de vinte) e não sabemos quantas por todo o Portugal.

Agora, são apenas quatro, ainda sem água pública, situadas no topo de um monte que nos dá a beleza do Vale do Sousa.

Dessas quatro, numa delas, há uma viúva; em duas mais, idosas; outra, ainda, um idoso que serviu toda a sua vida na lavoura.

Evidentemente, o consumo de água será da responsabilidade de cada um dos agregados. E, verdade seja, até agora não tivemos problemas, nestas vinte e tal famílias. Um conforto para todos nós.

PARTILHA — O assinante 74299, da Covilhã, pôs a assinatura d'O GAIATO em ordem «e o que crescer é para a conta da Farmácia» dos nossos Pobres.

De Senhora da Hora, a assinante 43614, com «uma pequena distribuição para as vossas necessidades. Sei que isto é apenas uma pequenina gota, mas o Senhor sabe que, neste momento, me é difícil contribuir mais. Se Ele me ajudar, poderia também ajudar mais os que precisam. Essa é a minha vontade».

Leitora residente no Lar do Comércio: «como a minha vida está melhor, envio um pouquinho mais que o costume», afirma a assinante 20631.

Coimbra, onde Pai Américo bateu as primeiras notas da Obra da Rua, a assinante 28708, manda um cheque de 200 euros «em agradecimento a Deus por todos os benefícios que Ele me tem dispensado».

Agora é metade, da assinante 31254, de Giães «para aliviarmos um pouco a conta da Farmácia. Agradeço o anonimato».

De Almada, assinante 46120, dá 100 euros, com os quais «venho contribuir de forma modesta para os vossos Pobres».

Trezentos euros, da assinante 34220, de Lavadores (Canidelo), «pequena ajuda para as grandes necessidades dos vossos Pobres. Que o Bom Deus vos ajude».

Gondomar, 50 euros, pela mão da assinante 45953, acentuando: «Como sou reformada não preciso de recibo».

Cem euros, da assinante 32762, de Valado de Frades, e «o Senhor Jesus me conceda uma Graça na minha saúde». Esperança cristã.

Vem lá, agora, «a habitual contribuição mensal para os Pobres, os quais darão a aplicação que julgarem mais conveniente», trinta euros, do assinante 53241, do Luso. Agradece «as amáveis palavras que sempre me vão mandando no cartão que acusa a recepção da nossa pequena contribuição».

Mais, sessenta euros, do assinante 65559, de Lisboa, que afirma: «com votos de umas férias recuperantes, envio uma pequena dádiva».

E, ainda, 35 euros, de Lourdes, do Cacém, «como de costume. São grãosinhos, continuando a pedir muita saúde para todos nós. Bem-hajam. E Deus vos pague».

Em nome dos Pobres, um muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — SÓ OS MAIS FRACOS... É QUE DESISTEM. Depois de uma reflexão sobre o que foi a época passada, o que cada um com certeza já fez, ou ainda está a fazer, é bom que nos comprometamos com o desejo de vencer, não só na marcação de golos, mas, e sobretudo, no comportamento, que vamos ter dentro e fora das quatro linhas:

Sê paciente! Participar nos treinos e nos jogos com entu-



Primeira Comunhão de 14 rapazes, na Capela da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 10 de Julho.

siasmo e entrega total... nunca esquecendo de que tudo não passa de um simples jogo de futebol, e onde não podem faltar as boas maneiras. Neste período de descanso, que todos se preparem psicologicamente para os treinos e para os jogos quando os houver, mas, e só, se tivermos estofo para ter bom relacionamento com o adversário. Temos que ser nós próprios a impor as regras do jogo...! Só assim nos sentiremos bem; só assim ultrapassaremos com sucesso as dificuldades que nos possam surgir quando estivermos em actividade.

Não facilitar e não ser displacente nos treinos e nos jogos, é, rejeitar, categoricamente, o caminho do fracasso.

Sê consciente! Cada um deve consciencializar-se de que só com humildade, espírito de sacrifício e de equipa, é que se atinge o sucesso. Que nenhum de nós perca de vista os aspectos humanos em benefício de uma outra coisa qualquer. A amizade, a sinceridade, a honestidade, o respeito e a solidariedade são valores que farão de cada rapaz, um verdadeiro homem e, na medida do possível, um bom atleta.

Sê equilibrado! Nos treinos e

nos jogos, é bom que ninguém tome atitudes precipitadas ou irreflectidas. É necessário pensar primeiro, pois podemos estar a pôr em perigo amizades que podem ser úteis para o nosso amanhã. Que cada um pratique o bom senso e tome consciência de que: «nem tudo que luz é ouro!» Que ninguém se iluda e se deixe influenciar por aqueles que não são capazes de ser coerentes e firmes no melhor caminho a seguir. Altos e baixos todos temos, e de que maneira!, mas... «diz-me com quem andas e eu dir-te-ei quem és».

Sê humilde! Nunca devemos pensar que sabemos tudo. É dos piores erros que podemos cometer. No futebol, como no nosso dia-a-dia, há sempre coisas novas a aprender. Temos que ouvir, e aceitar, quando alguém chama à atenção. Ripostar?! Não. Não faças isso! É feio e denota falta de melhor feitio...

Este ano vamos ter, provavelmente, outro tipo de futebol. O que não será fácil para alguns, pois, há os que pensam que jogar bem a bola, é tê-la sempre nos pés e correr com ela, (estou a lembrar-me dos jogos no recinto da adega). Vamos ter que nos habituar a jogar sem ela,

com a boca fechada... para que o esforço de todos seja menor, mas muito melhor e mais proveitoso para o colectivo! Não vai ser fácil! Mas tem que ser. Só não enfrentará este desafio aquele que... não tiver a coragem de se propor, a corrigir os seus próprios defeitos.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

PRAIA — Após uma temporada de férias do grupo dos mais novos, chegou a vez dos mais velhos terem as suas férias na praia de Mira. O segundo turno começou as férias no passado dia 6. Com os mais velhos ficaram os nossos quatro «Bata-tinhas», os mais pequeninos de todos. Mudou-se o turno dos rapazes e foram-se embora, também, a Susana e a Sandra, dos Combonianos, com muita pena nossa! Veio, para nossa alegria, a Susana, da Madeira. Boas férias!

PEDITÓRIOS — Iniciámos uma época de peditórios e cam-

panha de assinaturas d'O GAIATO. Este ano, começámos no Algarve, pois os senhores Padres que lá costumam ir, este ano, não estavam disponíveis, daí ter ido o nosso Padre João. Foi a primeira vez que a nossa Casa realizou peditórios nessa região. Apesar de cansativa e longa, a viagem correu bem; arranjámos mais assinantes e novos amigos, que nos dão alegria e força para continuar. No próximo Domingo e segunda-feira, estaremos, de novo, lá. Desta vez em Quarteira, Vila Moura e Armação de Pêra.

Também se realizou o peditório na Praia de Mira, onde, nesta altura, se juntam muitas pessoas amigas da Obra da Rua. Como o nosso Padre João não pôde estar presente, foi o professor Carlos, que é um antigo gaiato, que representou a Casa. Todo o montante adquirido nos peditórios desta temporada tem como objectivo pagar as obras que foram feitas na nossa casa da praia e as que se vão fazer no nosso Lar de Coimbra.

RAPAZES — O João da Luz, depois de ter concluído a escolaridade obrigatória, o 9.º ano, tirou um curso de hotelaria. Tendo o futuro assegurado e tendo mantido sempre muita ligação à família, abandonou a Casa. Já tem quase 19 anos e parece um rapaz afinado.

O Rui Pedro já estava em nossa Casa há muitos anos. Nos últimos tempos estava na tropa. Voltou para a sua terra, a Covilhã, onde irá trabalhar num restaurante, como ajudante de cozinha.

O Vítor Oliveira vai a caminho dos 21. Também já cá estava há muito. Tirou um curso de carpintaria e decidiu, ele e o nosso Padre João, fazer uma experiência de vida lá fora. Trabalha numa carpintaria em Miranda do Corvo e vive num quarto, em Coimbra.

Esperamos que se dêem bem, na nova fase da vida, encarando-a de frente e praticando o que de bom aprenderam na Casa do Gaiato. A todos, sorte e felicidade.

Adriano

Pai Américo

L O artigo d'O GAIATO, número 1598, sobre o Processo de Beatificação de Pai Américo e nele está referido o caso do «santo Padre Cruz... porque ainda não temos o milagre que faltava».

No mesmo artigo também se lê a expressão «a manter-se tudo como está, nunca um Padre Américo, peregrino das crianças da rua, de santa memória, subirá aos altares, embora o Povo há muito o tenha canonizado».

Ora bem, o Padre Américo já faleceu em 1956 e estão, portanto, decorridas dezenas de anos...

Faça-se uma ligeira análise dos factos da vida do Padre Américo:

Entre 1906 e 1923 esteve, em certos períodos, a viver e a trabalhar em África, no Chinde.

Entrou no Convento de Santo António de Villariño, Tuy, em 1923.

Apareceu em casa em 1925.

Foi para o Seminário de Coimbra, e, já presbítero, lá continuou, e mandaram-no tratar dos Pobres, que era aquilo para que tinha jeito.

Sáido do Seminário pega na Sopa dos Pobres.

Escreveu no *Correio de Coimbra* e subiu aos púlpitos das suas igrejas e visita casebres esburacados e prisões.

É contratado para assistente religioso da Tutoria Central da Infância, de Coimbra, em Março de 1938, passando a celebrar na igreja dos Olivais, todos os Domingos, Missa especial para os pupilos. Foi assim que nos conhecemos e me «adoptou como seu filho».

Em 1940 estou mobilizado na Ilha Terceira e fez uma assinatura do *Diário de Notícias* que me é enviado para que eu me ocupasse nos tempos livres. Desmobilizado, passo a viver em Lisboa e sempre que ele vem à Capital encontramos-nos num hotel do Rossio.

A obra da Graça será a Obra da Rua, o seu grande sonho:

Primeiro, Miranda do Corvo, em 1940.

Casas do Gaiato em Coimbra, Paço de Sousa, Santo Antão do Tojal e outras.

Os Lares são as Casas dos gaiatos nas Cidades.

Surge o Jornal O GAIATO, em 1944.

Fala na Rádio Renascença e na Emissora Nacional.

O Calvário, em Beire, que foi a sua última inspiração, é inaugurado em 1957.

Numa viagem de automóvel, em 1956, partiu as pernas e morreu.

Em tão curta vida conseguiu realizar o génio da sua

bondade. Após toda esta caminhada, voltemos a África quando a sua vocação era já uma grave preocupação — a martelada.

Onde está então o milagre? — Aqui.

O milagre é a martelada, que é a chamada de Deus para a sua missão na vida, o seu destino.

Depois deste resumo, quem é que tem dúvidas de que o Padre Américo foi chamado por Deus para uma missão divina, única em Portugal, e que por evidência dessa realidade é santo? O santo Padre Américo!

E quando é que Roma toma conhecimento da vida e da Obra do Padre Américo e o eleva aos Altares?

Alberto Augusto Monteiro Nunes

Moçambique

Combatemos o bom combate

UMA angústia terrível massacrava o meu coração. Não sei vencê-la. Ape-tece-me atirar pedras. Mas quando os meus Rapazes o fazem, a pedra que atiraram vai para o seu prato à refeição e ficam a olhar para ela enquanto os outros comem. É terrível o castigo, mas é assim que a tendência agressiva se domina depressa. Não posso atirá-las eu, não me vá acontecer coisa pior ainda. A missão que Deus me confiou é um desafio da vida que assumi na Obra da Rua, antípoda da sociedade elitista que está a despontar.

É tão difícil servir os mais pobres! Não por ser o que são, que

só isso já exige muito tino e paciência. Por querer servi-los como a irmãos, não passo de um estrangeiro. Por mais que queira aproveitar o que em Portugal nos dão, os donativos são mera mercadoria. Um País em construção, tem necessidade de receitas fiscais de tudo que entra por ar ou por mar. Imagine-se um contentor, como um saco de Pai Natal. Ou uma verdadeira Arca de Noé que salva da destruição na lixeira tanta coisa que nos dão e até sobra nas Casas do Gaiato, passar à categoria de objecto negociável e sujeito a impostos. É tudo passado a pente fino, para que nada venha sem estar quantificado, rotulado, emba-

lado e numerado, condizente em todos os itens com a factura. Por duas vezes o contentor que nos traz o conforto dos Amigos e Beneficentes de Portugal é rejeitado na inspecção pré embarque. O nosso Quim Carpinteiro, de Paço de Sousa, faz o que pode e sempre aproveita qualquer cantinho para condicionar melhor a carga, sobretudo se vêm máquinas já usadas, como agora: pequenos destiladores de água para os Postos de Saúde, fotocopiadora para os trabalhos da Escola, marmitta de cozinha, impressora pequena e guilhotina, armários metálicos e módulos de gavetas, jogo infantil de matraquilhos, roupa e calçado, além de cadernos e material escolar, sobre o qual recai imposto exagerado além de setenta por cento. Para cúmulo, no início do combate à pobreza absoluta, o nosso Ministério de tutela não foi contemplado com fundos para benefícios de isenção de impostos.

Tenho pensado e dito que será o último contentor a vir de Portugal. Mas não sei como vestir, calçar e manter decentemente os Rapazes na Escola, onde temos de pagar o salário a metade dos Professores. A posição oficial é de «quem dá pague também os impostos». Tomara que as nossas Casas de Portugal assim recebessem tantas ajudas, que pudessem repartir mais. Por nossa parte, se não recebermos, também não podemos repartir.

No combate à pobreza absoluta, mal chegados aqui, nos empenhámos. As nossas Creches, os Berçários para bebés desnutridos, os Postos de Saúde, as Casas melhoradas, feitas em alvenaria, as latrinas, os bairros para as trezentas famílias vítimas das cheias.

O desenvolvimento comunitário, com cursos de horticultura e organização de hortas com regadio, as reuniões frequentes com as equipas de prevenção, neste momento preciso, em reunião aqui, para o combate à cólera, à desnutrição e à sida, a formação contínua de agentes de saúde, educação e liderança comunitária, a

lavra de terrenos, distribuição de sementes e plantas hortícolas, as campanhas da cultura de mandioca, batata doce, girassol e soja, distribuição de árvores para lenha, de alimentos por mais de uma centena de velinhos, a manutenção de mais quinze, em casas individuais, a construção de uma Escola com oito salas e biblioteca, para alunos da sexta à décima, que ficaram pelo caminho, nas suas povoações, onde o Estado não chegou com mais nada. Os cursos de pedreiro e de gestão das micro-

-empresas, a cedência do nosso terreno de mata para corte de lenha, por não haver mais em roda da Massaca. As Casas de costura, padarias, carpintarias, moageiras, fábricas de blocos, de óleo de girassol e mandioca torrada, as oficinas para auto-emprego, as lojas comunitárias para venda de mantimentos. Que direi eu? Se tudo isto houvesse por Moçambique fora, desde o acordo de paz, quando iniciámos em noventa e dois o nosso combate, não seria tão necessário agora lançar o *slogan* do «combate à pobreza absoluta». Combatemos o bom combate e guardamos a Fé, como dizia São Paulo, seguros de que Deus, na Sua infinita misericórdia por este Povo, nos chamou ao lugar certo, na hora certa.

Padre José Maria

Padre Duarte

FOI um daqueles padres que se deixou marcar por Pai Américo e lá, na sua diocese de Lamego onde exerceu várias missões pastorais, as temperou sempre e todas com uma forte solicitude pelos Outros, os mais pequenos e pobres a quem serviu preferencialmente.

Pai Américo deu por ele, não sei como, «a cantar as janeiras» com um grupo de paroquianos, para arranjar dinheiro com que ia tornando pequenas realidades os seus grandes sonhos. Era o tempo da grande expansão do Património dos Pobres. Nas aldeias que paroquiava ficaram casinhas. E em Fontelo de S. Domingos, uma velha morada que Pai Américo ajudou a comprar, deu — que eu saiba — o primeiro Centro do Património onde eram acolhidos idosos e doentes a quem não bastava a casa, pois necessitavam de permanentes cuidados. Funcionou ali um Posto de Saúde para a população da aldeia com médico e tudo... quando ainda não se falava em Centros Paroquiais. Tudo voluntário, tudo gratuito. Saudosos tempos!

Pois lá estava uma grande representação do Centro, Pároco à frente, no funeral, há oito dias. Nada mais justo! Mas fiquei contente. Passaram dezenas de anos e a justiça nem sempre é de boa memória.

A saúde de padre Duarte não era famosa e os oitenta e quatro anos não resistiram. Eu soube por um triz! Desparamentava-me na Igreja da Trindade quando o sacristão me diz que estavam preparando, numa dependência próxima, um sacerdote cujo corpo ia partir para os lados de Lamego. Era ele. Assisti ao fim da preparação. E pude concelebrar no dia seguinte a Missa exequial presidida pelo seu Bispo.

Pai Américo esteve muito presente na palavra do Celebrante, saborosa a amizade.

Como terá sido no Céu o reencontro dos Amigos?!

Padre Carlos

Setúbal

VACARIA — Nasceu mais uma bezerriinha. Correu tudo bem no parto. Vieram cá a Casa os veterinários tirar sangue aos bezerros, para os podermos vender. O «Paisinho» andou a arranjar as pias das vacas e dos bois beberem.

CANTEIROS — O Gualberto andou a regar os canteiros à frente da Casa. As flores já estão muito grandes. As laranjeiras estão bonitas e grandes. Um grupo de rapazes andou com tinas de água a regar o jardim. À frente do bar também regaram e atrás. Com a cisterna andaram a regar as ameixoeiras ao pé da vacaria.

PRAIA — Os do primeiro grupo já estão cá em Casa. Alguns até gostavam de ficar lá no segundo grupo. Estes já estão há duas semanas na Arrábida e estão a gostar. Ainda

falta um grupo de rapazes para ir para a praia, porque chumbaram o ano lectivo.

PATOS — Os cães voltaram a atacar os patos durante a noite, mas já há algum tempo que não voltaram a vir cá. Os rapazes têm levado comer para os patos todos os dias. Também levam comer para os cães que estão no canil para eles não irem aos patos.

Horácio

Associação de Antigos Gaiatos de África

ENCONTRO — Os dias 3 e 4 de Setembro estão próximos. Com eles, mais uma vez, vamos poder ter a oportunidade de contar algumas novas na nossa casa de férias de Azurara, palco de um «estágio» de mais de

vinte de nós que rumaram a Benguela e Malanje. Lembras-te?

Vamos relembra esse e outros momentos felizes com os que mais tarde rumaram a Moçambique e todos quantos passaram pelas nossas Casas, onde usufruíram o que de melhor nelas havia: o amor de pai e mãe e aprenderam a ser o que são hoje na nossa sociedade.

Já lá vão 42 anos. Meu Deus, como o tempo passa...! Outros assuntos, outras memórias nos irão manter a «chama viva» e dar razão de ser às palavras proferidas por Pai Américo: «Depois de eu morrer a minha obra começará...»

Programa: Sábado, dia 3 — pela manhã, chegada e visita às instalações com almoço pelas 13 horas que, como de costume, será o que cada um trazer. Tarde livre para conviver; mas, às 19 horas, o nosso Padre Acílio celebrará a Eucaristia.

Domingo, dia 4 — à tarde, antes da despedida, ninguém sai com a barriga vazia! Vamos a um churrasquinho?

Traz a toalha para o banho!

João Evangelista

Pão de Vida

Do caldo

PRÓXIMO das escadas de Santa Escolástica, do antigo mosteiro, onde esta Casa deu os primeiros passos, ergue-se um belo alpendre que abriga uma entrada, baptizada pela tradição como *porta do caldo*. Noutros tempos, de mais privações, os Pobres encontravam segurança no culto, na enfermaria e botica, e aqueciam o estômago com uma malga de caldo bem adubado, que matava a fome.

Nos nossos dias, com frequência, como o portão não se encerrava, sobem a avenida muitas pessoas, à procura de alimentação e audição.

Jesus, que foi acusado de *comilão*, pelo contrário, saciou a fome às multidões. E exige-nos que, agora, sejamos nós próprios, aqueles que confiamos na Sua Palavra, a darmos de comer.

Mais do que nutrientes, quantas precisam de orientação. A resolução dos problemas localmente, com a ajuda de uma rede eficaz e a dinamizar pessoas como a Vicentina, será a melhor forma de conhecer a verdade e o rosto dos Pobres. A Caridade é o coração da Igreja, que se bate pela Justiça.

As ruas ainda não se despovoaram de frutos de desaires familiares. Embora com restrições e pressões oficiais, esta resposta que servimos é um sinal da família que se constitui para além da biologia.

Tempo de férias é, também, tempo de educar, de merecer a mesa posta. A construção da personalidade das crianças e dos adolescentes passa, actualmente, menos pela aprendizagem nas aulas do que por toda a envolvimento convivial e audiovisual. Aproveitar os tempos em que os filhos estão mais perto e não os perdemos de vista, pode ser compensador de alguns desequilíbrios na formação e permite ganhar a confiança filial para se elevarem.

Agarrados pela mão *d'Aquela que é* e toca os corações, *sola gratia* nos basta? Nada mais humano do que comer o pão com o suor do rosto. Não vem a despropósito uma catequese da sopa, segregada por bicos adocicados. Outrora, na trempe da lareira, estava sempre quente e era sustento de mãos calejadas e pés descalços para as regas.

A permanência, em Casa, de vários rapazes, no defeso escolar, tem sido um certo abanão, sem escravidão, nalgumas tarefas, da despensa à mata. Ao cabo dos trabalhos, largam as alfaías e regalam-se na piscina azul; enquanto outros alargam o horizonte no mar Atlântico.

Os lacticínios têm esticado os nossos filhos. Contudo, é urgente contestar as doçuras militantes, que invadem e cercam os recintos académicos, com múltiplas formas e cores.

Da nossa horta poderão vir, para a cozinha, mais vegetais, se não a desprezarmos. Esse grupo de alimentos é essencial numa alimentação equilibrada. Como as ervas daninhas cobriram a estufa e os talhões das hortícolas, foi mobilizado um batalhão, com o «Tronchuda» na dianteira.

A sopa reclama couves e outros legumes, diariamente. Apesar de tudo, as saladas são devoradas. Todos os que se sentam à mesa, são convidados para participar plenamente na refeição. Alguns, mais fidalgos, rejeitam a sopa e até invertem as tigelas. Propor regras passa por investir nesta entrada alimentar.

O Adilson chegou, viu e tem vencido várias malgadas. Entretanto, vem o «Almeidinha», que supervisiona, obriga os companheiros a deglutir o caldo. Em educação, sem firmeza, nada.

Há um desvio que é ocupar as malgas com a bebida, o que conduz à devolução das terrinas. Alguns serventes são lesto nessa retirada. Imerecida e fugaz viagem, desde a marmitta, que ainda por cima é o derradeiro recipiente de volume a ser lavado, a custo, no reboliço da penitência da copa.

Pai Américo estreou-se a dar sopa bem feita. Vamos honrar tal missão!

Padre Manuel Mendes

Setúbal

A água é um bem

CAMINHANDO sobre as águas do mar, Jesus mostrou o Seu Senhorio sobre as criaturas de Deus, aos olhos dos seus discípulos. Não se tratou de um simples domínio para além das leis da natureza.

Nós, como criaturas de Deus que também somos, vamos dominando os elementos da natureza pela inteligência, sem no entanto ultrapassarmos as mesmas leis naturais.

Este trabalho resulta em frutos que a todos alimenta. É um trabalho de serviço pelo bem comum.

Assim é que, nesta época estival, os rapazes se desdobram dis-

tribuindo água pelas muitas árvores que compõem a nossa quinta. São as laranjeiras às centenas, macieiras, pessegueiros, ameixoeiras, limoeiros, etc.

É o milho que cobre vários hectares de terreno e que será rico alimento, depois de ensilado, para as vacas, que por isso nos deliciarão com o seu leite.

São os vitelos e seus progenitores, galinhas, patos e outra bicharada que, tal como nós, se desdentam da secura que este tempo quente provoca nos organismos.

São os jardins, com as suas múltiplas plantas, sinais de vida e de beleza do Criador e de quem as trata.

É a piscina, o lugar mais desejado no final de cada tarde, onde os rapazes mergulham e encontram a tranquilidade, disposição e motivos para mais brincadeiras.

A água é um bem que, mais do que nunca, agora se aprecia.

Por outro lado, milhões de metros cúbicos da mesma água vão sendo gastos por esse País fora, não para dar vida, mas para evitar e confirmar a morte. São outros interesses e perversões da criatura humana, contribuindo para o mal geral.

Perante o bom ou o mau uso da inteligência humana, o Senhor da Criação inteira lembra-nos que, dos dois, só um é o caminho da vida.

Embora os tempos sejam de seca, vamos continuar a espalhar a vida por estas searas que o Senhor nos deu para cultivar.

Padre Júlio

Cantinho dos Rapazes

FOI o Cassua, por ter roubado. Incapazes de lhe tirar o hábito do roubo...

Foi experimentar o que custa lá fora o comer e o vestir. Vós sabeis que um dos motivos das nossas conversas semanais e particulares é o problema do roubo: — Onde vos leva?, o que realizais com ele?, que felicidade vos dará no futuro?

Nos primeiros dias os vossos amigos?, dão-vos do funje, passeios, alguns de vós até conseguem uma bicicleta por empréstimo e vão dar uma volta à nossa Casa para mostrar!

Depois de alguns dias, os amigos — que não ao funje e à dormida; as calças rompem no joelho, nem sabão anti-catinga...

E, ronceiros, cá estão a dizer que nunca mais... Tontos! Não precisais dos nomes.

Possuir, ter mais, sim, com o nosso esforço, o nosso trabalho pela aplicação ao estudo, empenho na profissão, dever cumprido e seriedade de vida.

OUTRO grande problema são as cartas de condução... Todos querem. É uma paixão que arrasta e domina.

Há dias um:

— *Dê-me umas cartinhas.*

— É bom para jogar aos Domingos, vou trazer de Luanda.

— *Não é dessas, são as de guiar carros.*

Outro:

— *Quero que me ajude a ter cartas.*

— Mas tu só tens a terceira-classe...

— *Alguns conseguem com dólares.*

Acredito. É a corrupção.

— *Agora são 600 dólares* — disse ele quase em segredo...

É a escada que vem de cima até ao chão.

O «Pata» — «Pata» anda por lá. Vendeu uma bateria e foi.

De certeza que tem passado fome, pois não tem família. É uma lição. Tem de aprender a vir por seu pé e ser ele próprio a fazer o seu julgamento.

Tribunal de família perante todos...

Quantos dias durou o que recebeste pela bateria? Onde leva o roubo? Já viste? Pensa enquanto os teus pés grandes e de lado calcorreiam os caminhos. Eles te levaram. Serão eles a trazer-te.

Padre Telmo

Praticando o Bem

Continuação da página 1

pazes já requisitaram na sua biblioteca mais de duas centenas e meia de livros.

No mês de Julho planeou-se um círculo de conferências sobre assuntos actuais, necessários à juventude, nas sextas-feiras à noite. A audiência livre, não foi esmagadora, mas também nunca tivemos menos de vinte participantes, apesar da concorrência da bola na televisão.

O filme de Fernão Capelo Gaiavota — essa magnífica epopeia de um grande ideal — rematou a actividade deste Verão.

Com a minha permanência na

Casa do Gaiato, de Lisboa, de quatro a cinco dias semanais, o grupo dinamizador da Biblioteca, de Paço de Sousa, deslocou-se aqui para ver as condições e recriar nesta Casa o mesmo projecto.

Se é necessária? — perguntarás talvez com alguma hesitação. — Mais do que a comida que é boa, abundante e variada. Mais que o desporto que aqui tem campo de futebol, rínque, pavilhão gimnodesportivo e piscina, no Verão. Mais que as oficinas bem apetrechadas. A biblioteca é um bem de primeira necessidade.

Esta Casa já tem uma biblioteca, mas o que interessa uma dispensa

cheia se não houver cozinha nem cozinheiros que preparem os pratos? Que importa possuir uma terra produtiva se não houver cultivadores?

Eu não queria que estes professores das Universidades do Porto carregassem, por muito tempo, este fardo (que para eles é leve e suave dada a sua generosidade, espírito de sacrifício e dedicação à Casa do Gaiato).

Quero aqui desafiar os professores cristãos das Universidades de Lisboa a não permitirem que esta área seja invadida e totalmente tomada por gente do Norte. Não é rivalidade. No Norte também há muito que fazer.

Lisboa deve assumir as suas responsabilidades.

Depois as viagens, as despesas e o tempo que isto implica, torna-se realmente pesado para quem anda já comido pelos seus deveres e devoções.

Em Lisboa haverá gente também capaz e generosa!...

Senhoras e Senhores Professores, a biblioteca da Casa do Gaiato de Lisboa, precisa de vós!...

Quem me responde?

Padre Acílio

Livros escolares

HÁ largos anos que eles constituem para nós um acontecimento com *pico sazonal* marcado pela contradição. Terminado o ano lectivo, é uma *invasão* deles, que os seus utilizadores acham, a partir de agora, desnecessários — e bastantes vêm, novinhos em folha, de Professores a quem as Editoras os ofereceram como proposta para adopção. Vem aí o novo ano escolar; virão mais livros. E as estantes de cada um não são elásticas tais como as nossas. Daí, a contradição: É que para além dos que podemos aproveitar para os nossos rapazes e netos e Pobres que nos procuram por esta espécie de auxílio (Bem pesada é a *estação* da compra dos livros nos orçamentos familiares!) — são imensamente mais os que temos de lançar ao papel velho com uma mágoa também imensa porque se trata de publicações excelentes no aspecto gráfico e, se calhar, tão excelentes no conteúdo quanto o foram outras precedentes e serão as futuras.

Não será isto mais uma espécie de desperdício que denunciei na Sociedade de Consumo, a quinzena passada? Terá o nosso mercado da especialidade dimensão para uma tal variedade de propostas para a mesma disciplina?

Não digo que por um critério simplesmente economicista se voltasse ao *livro único*. Mas, entre este e a prodigalidade a que se assiste, há, com certeza, um ponto médio de mais virtude, fruto de coordenação no sector, venha ela de onde vier.

Quanto a nós — dadas as três Comunidades que temos em Angola e Moçambique com centenas de alunos, já que as nossas Escolas são frequentadas por muitas crianças e jovens das populações vizinhas — seriam utilíssimas, sim, colecções de ao menos quinze exemplares do mesmo manual (um para dois em turmas de trinta alunos) em disciplinas de Letras (Português e Inglês e também de História Universal) e científicas (Matemática, Físico-Química, Ciências Naturais e Educação Visual).

Aqui deixo a lembrança: quer às Editoras a que sobram livros, entre nós «desactualizados»; quer a Escolas que nos visitam — tantas na roda do ano, graças a Deus — e nos perguntam que espécie de coisas nos fariam jeito. Pois aqui têm. Além do material escolar consumível, sempre oportuno para cá e para lá — que bom se alguns Professores que promovem e orientam tais visitas, no fim do ano lectivo, se dessem ao trabalho de recolher nas suas turmas quantidades de livros iguais e no-los fizessem chegar, agora, a tempo de os podermos fazer chegar a África, onde o ano escolar começa em Janeiro!

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

Gosto da figura do barco que navega com o esforço dos braços dos remadores. Todos os ocupantes são actores. Cada um tem o seu papel. A Casa do Gaiato é um barco a remos. Os chefes têm o seu papel no barco. *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*, foi a palavra nova daquele tempo que não perdeu a beleza da sua originalidade nos tempos de hoje. Esta notícia foi acolhida com admiração e regozijo por um pequeno grupo de voluntários argentinos na visita que nos fizeram, há dias. Um era médico. Disse que nunca vira coisa igual com este carisma.

Quando me falam desta maneira, fico com temor de que pensem que a vida, assim, é um mar de rosas. Digo que não. Os pais que são, na verdade, educadores sabem que não. A atenção, a paciência, a companhia, outras tantas formas de presença, a perseverança, mais que todo o amor, podam constantemente as nossas vidas, deixando a dor das feridas, com o sangue mais vivo para continuar a dar vida.

Alguns filhos, a pensar no seu futuro e na sua autonomia, andam à busca de terreno para construir a sua casa. Durante o tempo em que trabalharam e continuam a trabalhar, foram amontoando o dinheiro do salário com que vão comprar o terreno. O dinheiro é todo deles e para eles. A gestão do mesmo, porém, é deles e minha, até que cheguem à

autonomia total. O crescimento humano não se faz aos saltos, mas num processo lento e seguro. Por isso, a necessidade de dar-mo-nos as mãos, até ao fim da subida que é a maturidade da pessoa para enfrentar a vida sozinha. A mãe, que é a Casa do Gaiato, há-de ter a sua parte importante de ajuda, quando as paredes estiverem a subir e o telhado à espera. Terão sempre mais amor ao que é fruto do suor do seu rosto. É a ordem natural da vida. Quem dera que os pais ajudem sempre os seus filhos sem nunca dispensarem o que eles podem e devem fazer.

Aguardo a oportunidade dum pequeno plano de urbanização para alguns terrenos que estão bem perto de nós para que ali sejam construídas algumas residências de filhos da nossa Casa. Constitui um problema sério, no presente e para o futuro, a anarquia reinante, a nível de construções, nos bairros suburbanos. Com a água e a energia à vista, como fazer para que todos tenham a riqueza destes bens em suas casas? Além disto, há o perigo muito grande dos negócios de terrenos sem o mínimo de honestidade. Mais um problema que entra na minha cabeça. Pois, há dias, fui com dois rapazes ver o lugar onde poderiam construir suas casas. As demarcações, já feitas, dos respectivos lotes não pertenciam ao vendedor. Mais grave ainda é a corresponsabilidade das autoridades locais.

Não há motivo para desânimo. É a poda a que está sujeita a nossa vida até se esgotar na última gota. Deste modo, com as vidas entrelaçadas, o barco vai a navegar para o porto conhecido.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A missão de visitar o Pobre tem beleza; é filha duma intuição artística que apaixonava e devora o visitante. Quanto mais repelente for o estado e condição dos visitados, mais se enamora deles.

PAI AMÉRICO